



# DESAPRENDER, PERGUNTAR-SE, ESCUTAR: ROTAS PARA PENSAR UMA ARTE EDUCAÇÃO DISSDIENTE

Fábio Wosniak<sup>1</sup>

UNLEARNING, WONDERING, LISTENING: ROUTES FOR THINKING  
ABOUT A DISSENTING ART EDUCATION

DESAPRENDER, PREGUNTARSE, ESCUCHAR: RUTAS PARA PENSAR  
EN UNA EDUCACIÓN ARTÍSTICA DISIDENTE

---

1 Doutor em Artes Visuais (UNESC), Professor e Vice coordenador da Licenciatura em Artes Visuais da UNIFAP/AP e colaborador no Prof. Artes da URCA/CE. Líder do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – CNPq/UNIFAP.  
f.wosniak@unifap.br  
<https://lattes.cnpq.br/6525393533253057>  
<https://orcid.org/0000-0002-5881-7414>

## RESUMO

O presente artigo apresenta os percursos do autor na construção de propostas pedagógicas dissidentes, envolvendo articulações entre a prática artística e a prática docente na Licenciatura em Artes Visuais. Para propiciar aos acadêmicos/as estas experiências, foram pensadas aulas onde teoria e prática não se dissociavam, mas que se nutriam constantemente. As fragmentações como arte e vida, educação e arte, agir e pensar, foram todas colocadas entre parênteses. A provocação para pensar a arte e a arte educação dissidente, partia sempre das inquietações cotidianas, que logo encontravam nas metodologias utilizadas pelos/as artistas uma outra questão-problema para ser pensada. Nestes caminhos, com as des-aprendizagens a partir do trabalho do artista e da sua prática, foi possível compreender que um percurso era certo: desconstruir saberes, perguntar mais que responder, aprender a ouvir o que as práticas artísticas dissidentes estão clamando e, só a partir desta outra maneira de des-aprender sem repostas absolutas e verdadeiras, se torna possível reconstruir saberes.

Palavras-Chave: Arte Educação dissidente, Prática artística e prática pedagógica, Licenciatura em Artes Visuais.

#### ABSTRACT

The present article presents the paths of the author in the construction of dissident pedagogical proposals, involving articulations between the artistic practice and the pedagogical practice in the Visual Arts Licenciature. In order to provide the students with these experiences, classes were designed in which theory and practice were not dissociated, but constantly nourished each other; fragmentations such as Art and Life, Education and Art, acting and thinking, were all put in parentheses. The provocation to think about art and dissident art education always came from daily concerns, which soon found in the methodologies used by the artists another issue-problem to be thought about. In these paths, with the unlearning from the artists' work and their practice, it was possible to understand that one path was certain: to deconstruct knowledge, to ask more than to answer, to learn to listen to what the dissident artistic practices are clamoring for and, only from this other way of unlearning without absolute and true answers, it becomes possible to reconstruct knowledge.

Keywords: Dissident art education, Art practice and teaching practice, Pedagogical practice, Bachelor of Visual Arts.

#### RESUMEN

El presente artículo presenta los caminos de la autora en la construcción de propuestas pedagógicas disidentes, involucrando articulaciones entre la práctica artística y la práctica pedagógica en la Licenciatura en Artes Visuales. Para proporcionar a los alumnos estas experiencias, se diseñaron clases en las que la teoría y la práctica no se dissociaban, sino que se nutrían constantemente, las fragmentaciones como Arte y Vida, Educación y Arte, actuar y pensar, se ponían entre paréntesis. La provocación para pensar en el arte y en la educación artística disidente vino siempre de las preocupaciones cotidianas, que pronto encontraron en las metodologías utilizadas por los artistas otra cuestión-problema sobre la que pensar. En estos caminos, con el desaprendizaje desde la obra de los artistas y su práctica, se pudo entender que un camino era cierto: deconstruir el conocimiento, preguntar más que responder, aprender a escuchar lo que las prácticas artísticas disidentes claman y, sólo desde esta otra forma de desaprender sin respuestas absolutas y verdaderas, se hace posible reconstruir el conocimiento.

Palabras clave: Educación artística disidente, Práctica pedagógica, Licenciatura en Artes Visuales.



## Ritual para desaprendizagens.

*“Felicidade se acha é em horinhas de descuido”*

João Guimarães Rosa

Para iniciar a leitura deste escrito, convoco o/a leitor/a a realizar um pequeno ritual. Necessário para a continuidade e compreensão das palavras que seguirão neste ensaio.

Veja o ritmo da sua respiração, ela deve ser leve, inspire profundamente e expire lentamente, faça isto três vezes.

Observe as batidas do seu coração, desacelere o ritmo.

Olhe a imagem, veja o que ela lhe causa. Escreva as suas impressões, pesquise sobre o artista e sua prática.

E, por fim, leia atentamente a epígrafe de João Guimarães Rosa.

\* \* \*

Feito o ritual, vamos começar a pensar acerca do que seria desaprender em um tempo em que somos constantemente convocados a saberes universais, a respostas rápidas e definitivas, ou seja, precisamos ter respostas eficazes para tudo. O que resulta desta exagerada aceleração são raros momentos em que podemos parar e pensar, de fato, sobre como agir diante de determinadas situações.

Agora pergunto: Como é planejar aulas em meio a toda essa aceleração? Como é possível instaurar nas aulas momentos de criação, se tudo precisa acontecer em um tempo/espaco de 45 ou 50 minutos? Onde estariam os momentos de contemplação da cidade, do entorno da escola, das pessoas que convivem conosco, dos sons, ruídos e do silêncio? Como “ouvir” o silêncio em meio a tantas vozes? Como ver diante da enxurrada de imagens das redes sociais? O que vemos, o que nos olha, como já perguntou Didi-Huberman (2010)?

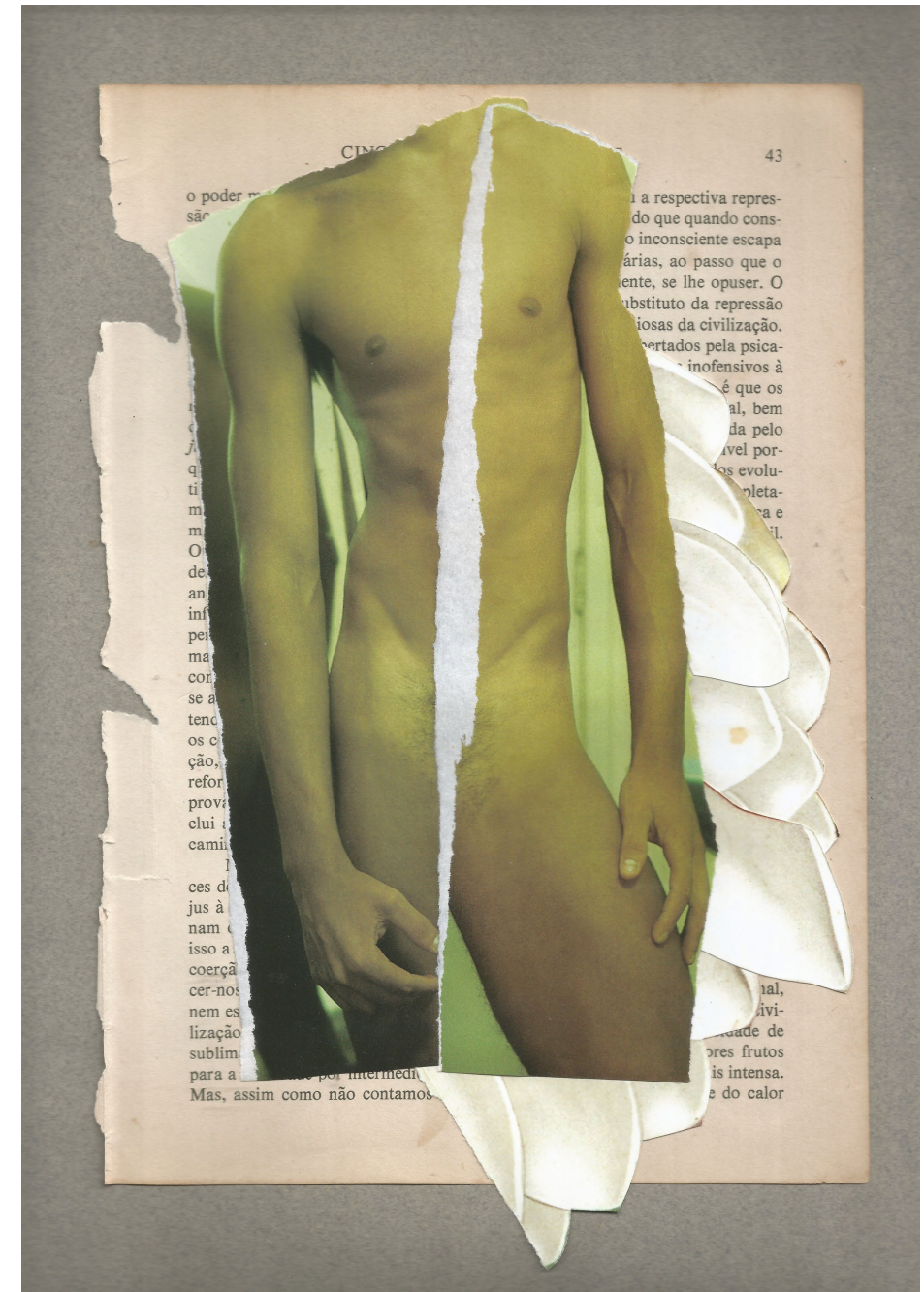


FIGURA 1.

Imagem 1. Fábio Wosniak, Lições de Psicanálise. Colagem, 2020.

São muitas as perguntas e diante destas, tenho certeza que você irá lembrar/fazer muitas outras. Mas, voltemos a pensar no desaprender. Sim, desaprender envolve ter uma atitude no/com o mundo. Não venceremos a aceleração que nos é imposta, pois existe um sistema econômico, cultural e político a ser interrogado e transformado. Porém, desaprender envolve olhar e sentir, para toda essa imposição desumana de forma crítica, em que nos é exigida uma atitude estética e política, implicando escolhas que marcaram a nossa presença no/com o mundo, onde esta jamais será neutra (FREIRE, 2021).

Toda prática artística e toda prática docente que estão envolvidas nos processos de invenção, criação, existência e liberdade necessitam de momentos pesquisantes. Para que isto ocorra, não podemos estar envolvidos em dogmas ou certezas absolutas, se isso ocorrer estamos diante da voz do outro, não criamos, apenas reproduzimos. Desaprender é transgredir. Um exemplo desta transgressão pode estar num ato simples: ouvir as experiências dos estudantes. A vida como ela se apresenta para ser problematizada. O que e como estamos consumindo as coisas? Como nos relacionamos com a produção das imagens e para que elas estão servindo? São perguntas-problemas simples que podem nos conduzir a repensar nossa relação com as coisas.

Então, desaprender é principalmente transgredir as ideias que parecem naturalizadas. É “erguer a voz”, como nos ensina bell hooks (2019), diante das opressões, dizer que as coisas não são como sempre nos disseram que eram. Que o diálogo é fundamental nos processos de democratização, pois saber falar perpassa, principalmente por uma escuta respeitosa.

Neste sentido, desaprender envolve formas outras de ver, escutar, falar, agir e pensar. Não podemos mais considerar apenas uma única maneira de perceber o mundo, como apreender as coisas pelo visual, insistentemente instaurado pelo Ocidente. Esta é uma lógica eurocêntrica e excludente, privilegiar um sentido em detrimento dos

demais, mas precisamos aprender a nos relacionarmos a partir de uma cosmopercepção, como assinala Oyewùmí (2021).

A cosmopercepção compreende saber sobre como outras culturas nos ensinam a experienciar o mundo com todo o organismo, respeitando os tempos e ciclos da vida. Esta noção inclui sabermos que somos natureza, que fazemos parte de uma espiral onde reconhecemos nossas ancestralidades e aprendemos com elas. Nesta noção, os mais velhos não serão jamais um fardo a ser carregado, eles nos ensinarão com suas experiências. Aprenderemos a respeitar as filosofias africanas e dos povos originários. Onde existir vida, esta deverá ser respeitada. Nas suas múltiplas maneiras de existir.

Desaprender envolve não dicotomizar: TerraxHumanidade, VidaxArtexEducação, teoriaprática... tudo está interligado, a vida é pluriversal e, como tal, exibe suas múltiplas facetas. Não cabendo uma forma única de existir, modelos a serem seguidos, dois únicos gêneros, por exemplo.

Evidentemente que as regras sociais, as Leis fazem parte deste conjunto. Não se trata de uma sociedade sem suas regras, mas que estas não sejam feitas e cumpridas a favor de genocídios, dos povos negros, indígenas e LGBTQI+. Só para *escurecer!*

Estamos tão apegados a uma única maneira de tentar compreender o mundo que nos esquecemos das narrativas não hegemônicas, aquelas que consideram a poesia, as artes, a imaginação. Quando estas entram para as pesquisas ou para os âmbitos hegemônicos, parecem perder sua força vital, sua potência. Pois, ficam a cargo de objetivismos, dogmas, tentando revelar verdades absolutas. Perdem o seu caráter indagador, sua aproximação com a fantasia, o devaneio.

Viver, nesta perspectiva cartesiana, significa estar em constante vigília de um “real”, que nega a imaginação, o onirismo e a fantasia, ou quando as considera, as coloca em um lugar de recreação, terapia, de pouca importância para a existência humana.

Precisamos nos erguer e respirar, deste real asfixiante que nos é imposto, em que a pluralidade das existências não existe. O que temos a seguir, com essas regras e modelos é uma homogeneização das existências.

Não somos seres dotados de uma capacidade crítica-pensante, neste cardápio onde as coisas são temperadas somente com água e sal, nos tornamos simplesmente consumidores, onde o prazer e a fruição da vida estão a serviço do verbo comprar e acumular, sem saber para que. As experiências que produzem a manutenção das nossas subjetividades são sequestradas pela lógica capitalista, violenta e dotada de pré-conceitos, onde o Ser só se torna possível dentro do padrão imposto pela homogeneização das existências, qualquer coisa fora desta lógica, deve ser eliminada.

A repetida operacionalização desta perda de experiência de uma potência de vida criativa e prazerosa nos coloca diante de uma ansiedade produtivista, em que precisamos fazer, fazer e fazer a todo momento, mas nem sabemos muito o que/como fazer. Sentir, só a angústia de um dia que passou e que não demos conta de ser totalmente produtivos, as metas não foram alcançadas.

Gozar sem nenhum objetivo. Mamar sem medo, sem culpa, sem nenhum objetivo. Nós vivemos num mundo em que você tem de explicar por que é que está mamando. Ele se transformou numa fábrica de consumir inocência e deve ser potencializado cada vez mais para não deixar nenhum lugar habitado por ela (KRENAK, 2020, p. 65).

Chegando até aqui, quero dizer que a Arte e seu ensino não podem estar a serviço desta lógica. Ensinar e aprender Arte nos exige rupturas e borramentos de fronteiras, por mais que nos digam ao contrário e, até tentem provar isto, a Arte está e produz formas outras de existência. Ela não busca respostas únicas, insolúveis. O ensino de arte tem a ver



com construir possibilidades outras de escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar, tocar, falar...se você percebe que nas suas aulas todos/as saem da mesma maneira que entraram, inquiete-se! O monstro da hegemonia (ocidental, branco, heteronormativo, patriarcal) lhe capturou, ele possui muitos tentáculos e se disfarça muito bem.

\* \* \*

### **Exercício de escuta: para aprender é preciso ouvir, silenciosamente.**

Gosto de explicar essas coisas para os  
homens brancos, para eles poderem saber.  
Davi Kopenawa

Não quero falar de um ensino de arte ocidental, isto já foi bastante falado e talvez, muito se sabe e precisamos desaprender sobre esses ensinamentos.

Chamo a atenção neste momento para um exercício de escuta. Uma escuta que vai nos ensinar a falar, com uma “outra” voz, aquela que denuncia as lacunas presentes na História que nos é contada e anunciará um realinhamento, criando uma potência para as nossas práticas docentes em artes visuais.

Chimamanda Ngozi Adichie, em 2009, já nos alertava para o perigo da história única. São essas histórias únicas que apagam a existência de outras formas de vida, de conhecimentos e de arte. Impossibilitando que experienciemos os saberes provenientes da nossa própria Terra, nos fazendo acreditar que toda forma de saber provém da Europa e de seu filho pródigo, a América do Norte.

Pois bem, convido o/a leitor/a para a escuta de uma outra narrativa.

Era um sábado de verão na região amazônica. Estávamos todos/as,



professor e acadêmicos/as, ansiosos pela saída de campo. Seria uma aula em uma cidade no interior do Estado do Amapá. Exercitaríamos os estudos realizados em sala de aula sobre cores. Já havíamos realizados alguns exercícios sobre composição, escala cromática, círculo cromático e algumas técnicas com guache. Para o dia da saída de campo – *plein air*, a proposta era estudos de observação utilizando aquarela para uma turma, e o desenho para a outra turma. Estávamos em duas turmas, totalizando 50 alunos/as.

Como realizar tal aula com tanta carga colonizadora no nosso ensino aprendizagem em artes visuais?

Primeiro, provocar o corpo. Destreinar o olhar. Desde a organização antes da partida era preciso movimentar as turmas. Uma das turmas, já tinha como hábito trazer alimentos para as minhas aulas. Tenho mantido este hábito em todas as aulas, ter algo para comer e beber. A comida, para nós de terreiro é importante. E, também aprendi sobre a importância de aprender ensinar em volta dos alimentos no Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke no percurso da minha Pós-Graduação. A outra turma seguia na comodidade da minha oferta. O que os fez não organizar coletivamente sua alimentação para o dia da saída de campo.

Então, tudo começou neste movimento, do que seria levado para comer. Aconteceram coletas de dinheiro, sugestão de cardápio, algumas pessoas levando pronto de casa, outras produzindo os sucos. Esta, que já era uma celebração ao dia que se anunciava, nos motivava e criava desejo. A outra turma se mantinha silenciosa, só desejando o “passeio”.

Informei dos materiais que iríamos utilizar, como seria organizado o nosso dia, mostrava alguns artistas referência em aquarela e desenho.

Chegou o sábado. Encontramo-nos em frente ao Departamento de Letras e Artes. A turma que havia se organizado com as comidas, parecia que viajaríamos semanas. Muitas bolsas e garrafas térmicas, materiais, conversas que ansiavam pela partida. A outra turma também chegou,

com bolsas mais tímidas e seus rostos mostravam algumas indagações.

Partimos. Até a chegada na cidade fomos tranquilos, era uma manhã muito ensolarada. Conversas em tom baixo no ônibus mostrava um sono de quem acordou cedo e poupava energias.

Chegamos na cidade. Mazagão Velho/AP, com uma forte colonização portuguesa, uma herança cristã e cemitérios que separavam os negros dos brancos. Sentamos na praça da cidade, de frente para a igreja e começamos a desenhar e pintar.

Era a minha primeira vez na cidade. Comecei a pintar junto, mas logo fiquei inquieto e comecei a circular entre os grupos que haviam se formado para o exercício. Poucas pessoas circulavam na praça. Uma das alunas conhecia bem a cidade, possuía uma casa no local que nos abrigou. Nesta minha andança comecei a fazer perguntas sobre a cidade, sobre o rio, sobre os ninhos de pássaros nas árvores...eram muitas perguntas. Entendi o que me inquietava! Como eu, que venho estudando os processos genocidas da colonização, em uma cidade com um rio e a floresta amazônica, próximo de pessoas com uma ancestralidade afroindígena, realizo exercícios voltados para a Igreja?

Prezados/as colegas professores/as o verdadeiro processo de descolonização está primeiro na consciência do quanto somos colonizados e no tanto que reproduzimos essas práticas e histórias únicas. Tendo isto em mente, precisamos estar atentos sempre, de nos observarmos e observar as nossas práticas. A colonialidade faz bem o seu trabalho, de nos cegar.

Percebido isto. Chegou a hora do almoço. Recolhemos tudo e fomos para a casa da aluna preparar a mesa e almoçar. Lembram da turma que não organizou sua alimentação? Pois bem, compartilhamos com eles o que havíamos levado. Foi um banquete de celebração a vida. Como costuma acontecer nos terreiros. Um agradecimento pela chegada com segurança e pela manhã que havíamos passado.

Chamei a atenção para os que não haviam levado os alimentos para

que organizassem a louça e a mesa do almoço. Uma troca justa. Como nos ensina Exú: a terra é um mercado de trocas saudáveis.

Descansamos, conversamos, brincamos e seguimos para o momento da tarde. Continuar os exercícios. Como já havia me atentado, para o lugar e uma prática docente para desaprender, ou uma arte educação dissidente, propus que fossemos conhecer o Rio. Passamos algum tempo na beira do Rio, alguns tomaram banho, outros conversavam... Qual o objetivo pedagógico de ir ao Rio: ser/estar feliz na companhia do outro/a. Sentir a temperatura da água, o movimento das correntezas, ver o colega nadando, os corpos que ali se apresentavam, alguns com roupas outros de sunga, bermuda e até cueca. Olhar para a outra margem do rio e saber que ali estávamos na Floresta Amazônica.

Após o banho de Rio, seguimos para as ruínas de uma igreja. Foi uma caminhada de 20 minutos sob um sol escaldante. Chegamos no local, exaustos e com os corpos fervendo. Sentamos, conversamos, olhamos o local. Desenhos, pinturas e performances foram surgindo. Cheiramos os matos que encontrávamos, olhávamos as suas formas. E, logo retornamos. Pois estávamos cansados/as.

Retornamos para o nosso ponto de partida, a Universidade. Mais uma vez silenciosos, agradecidos e felizes pelo dia. Compartilhamos conversas, alimentos, brincadeiras, fazeres artísticos. Não nos preocupamos com certezas absolutas, métodos de ensino aprendizagem, uma rotina para estudos, uma lista de objetivos pedagógicos. Apenas saímos para experimentar viver juntos e com alguns saberes estéticos.

O relato foi de uma aula que aconteceu na Licenciatura de Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá. Enquanto professores de futuros docentes, precisamos estar atentos às nossas práticas e conteúdos. Que curadoria estamos realizando para as nossas aulas? Continuamos a apresentar práticas artísticas de artistas brancos, homens e europeus? Onde estão os artistas dissidentes? Que narram histórias outras? Que concebem o fazer artístico com proximidade dos rituais ancestrais?

Quando estamos dispostos a escutar outras histórias, começamos a nos fazer outras perguntas que indagam sobre as certezas que nos foram ensinadas. Lugar onde as coisas vivem separadas, onde uma aula precisa acontecer sem se experimentar no corpo as águas do rio, o calor do sol, o viver e compartilhar os sabores. Existe saber artístico para além das técnicas de desenho e pintura registrados nos suportes. (Menciono pintura e desenho porque são as aulas anunciadas neste texto)

É preciso, às vezes, esvaziar-se. Para que outras proposições possam surgir. Criar é transformar-se. Saber escutar e fazer perguntas significa saber estar junto. Como neste relato, em que os corpos destes/as estudantes clamavam para serem respeitados. Corpos que nasceram na região de florestas, onde seus ancestrais conviviam em harmonia com a natureza. Falavam com as plantas e com o rio, conhecedores das ervas, dos cheiros. Como desconsiderar tamanha intimidade e impossibilitar que confraternizassem com os alimentos, que mergulhassem nas águas e que não brincassem? Uma educação colonizadora impossibilitaria tal experiência.

Por este motivo, não é possível considerar em uma arte educação dissidente ou de uma desaprendizagem, que nos contemos em apurar nos nossos/as estudantes uma visão de mundo ou das coisas. Precisamos provocar e anunciar uma cosmopercepção. A visão é o sentido da distância, precisamos requisitar a audição, o tato, sentidos da proximidade, da cosmopercepção (BRETON, 2019).

Esses conhecimentos podemos presenciar nas filosofias africanas, dos povos originários, nas comunidades de terreiro, nas práticas artísticas de artistas dissidentes. Só para lembrar, basta atentarmos para os trabalhos de Castiel Vitorino Brasileiro, Plantas que curam, 2018; Beatriz Paiva, com seus desenhos sobre sua ancestralidade negra e sua existência enquanto mulher lésbica; Jaider Esbell, com sua pintura com elementos de sua ancestralidade; Vitor Tuxá que denuncia os processos colonizadores vivenciados pelas populações indígenas. Entre tantos outros/as que



estão nos apresentando uma aprendizagem que não necessita do aniquilamento do outro e da sua cultura, que anunciam através de suas práticas artísticas que é possível existir e Ser, apenas Ser.

Precisamos criar práticas que propiciem aos estudantes vislumbrarem uma Arte Educação distanciada do *tecnocapitalismo*. Precisamos desaprender sobre os sons das cidades e sua arquitetura, já vivemos nelas. Necessitamos de encontros com a natureza, ouvir os rios, os pássaros, a mata. Conversar com os encantados dos terreiros, sair da sala e explorar outros espaços, sentar para conversar, andar sobre o sol escaldante. Estes são encontros criativos, que animam nossas práticas, transformam as nossas ações, nos enchem de coragem para sair da desesperança, nos comprometem com a vida em toda a sua potência criadora, que é de estarmos juntos/as/es. Aí reside um importante elemento da Arte Educação, respeitar a vida como potência criadora de outras formas de existir.

\* \* \*

### Percursos para uma arte educação dissidente

*A denúncia e o anúncio criticamente  
no processo de leitura do mundo dão  
origem ao sonho por que lutamos.*

Paulo Freire

O que se anuncia em uma arte educação dissidente?

Primeiro, é importante salientar que nesta perspectiva de ensinar e aprender Artes Visuais, existem alguns pressupostos:

1 – As Artes Visuais são um conjunto de conhecimentos complexos e

que podem ser ensinados e aprendidos por qualquer pessoa.

2 – Artes Visuais se ensina e se aprende com Artes Visuais, ou seja, fazendo, experimentando os materiais, produzindo imagens.

3 – Os assuntos e conteúdos das Artes Visuais nos apresentam outras perspectivas de apreender e compreender o mundo, as pessoas e suas relações. Estes assuntos e conteúdos devem ser abordados da perspectiva das artes visuais. Como os artistas anunciam e denunciam suas noções de mundo. As Artes Visuais não conhecem a censura.

4 – Como as Artes Visuais não conhecem a censura, todas as pessoas têm o direito de experienciar as linguagens artísticas. De descobrir outras maneiras de se relacionarem com os conhecimentos e de existir/criar uma ética e uma estética.

5 – É dever da Educação, em todos os níveis e modalidades, proporcionar experiências estéticas para seus/suas estudantes (VIADDEL, 2003).

Assim, o primeiro percurso que se anuncia é o de ensinar a transgredir (hooks, 2017). Entender que a Arte é uma ação política, pois ela denuncia e anuncia um mundo, nunca é neutra. Uma arte educação dissidente, entende o artista e sua prática como um sujeito social, que interage com/no mundo, as aprendizagens emergem e acontecem neste constante estado de interrelações - Eu<->Outro<->Mundo. Negar essas experiências, éticas-estéticas-políticas é negar a própria existência humana. O que uma arte educação dissidente propicia a partir da prática artística, são experiências onde sejam potencializadas a solidariedade e a democracia. Lugar onde a vida humana pulsa, onde não é negado o direito de falar e escutar criticamente.

Sendo assim, política como adverte Freire (1987) é um ato de clareza acerca de que lutas estamos travando, *contra quem e contra o que brigamos*. No caso de uma arte educação dissidente, como se apresenta neste artigo, a luta é contra: a transLGBTIQ+fobia, o racismo, a intolerância religiosa, o genocídio das populações originárias, o feminicídio.... Estas

lutas não são possíveis se assumimos como conteúdos das nossas aulas uma arte alicerçada na história dos colonizadores, ou seja, uma arte europeia, branca, heteronormativa e burguesa.

Nossas referencialidades estão nos estudos decoloniais, pós-coloniais, no feminismo negro, nos escritos das populações LGBTQI+, como também nos relatos de experiências de artistas dissidentes sexuais e de gênero, pretos/as, indígenas, mulheres, povos de terreiro... São vozes que se erguem para dizer que outras formas de existência são possíveis. Outros projetos de humanidade se apresentam, comprometidos com a criação, a reinvenção, a transgressão das normas asfixiantes, tanto das práticas artísticas quanto das práticas docentes.

São estes os investimentos que vem sendo realizados nos Grupos e Projetos de Pesquisa que venho participando e coordenando, assim como também, no Projeto de Extensão e pesquisa apresentados na Instituição que atuo como docente. Estes lugares institucionalizados, que muitas vezes ressoam práticas colonizadoras, têm sido constantemente tensionados pelas reflexões produzidas no interior destes grupos e projetos.

A temática da arte educação dissidente, aparece primeiramente nas investigações realizadas no Grupo de Pesquisa do GPEACC-URCA/CNPq. Onde passamos a estudar e dialogar com artistas dissidentes sexuais e de gênero. No ano de 2022, foi realizada uma jornada de conversações que caminharam para o fortalecimento de um pensamento e uma construção de saberes sobre as práticas dissidentes na Arte Educação.

Se existe uma prática artística dissidente e professores/as de artes visuais dissidentes, como assumir uma prática (artística e docente) que não seja dissidente?

Esta indagação, nos faz caminhar no tripé universitário – Ensino, Pesquisa e Extensão –, com uma utopia de que é possível pensar em uma epistemologia dissidente para o ensino e a aprendizagem em Artes Visuais. Utopia aqui entendida como conscientização, pois:

[...] a utopia, não consiste no irrealizável, nem é idealismo, mas sim, a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, os atos de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão, a utopia também é engajamento histórico. A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento (FREIRE, 2016, p.58).

Pensar neste percurso, de construir ou provocar uma arte educação dissidente no interior das estruturas acadêmicas, exige lembrar e registrar das muitas vozes e experiências silenciadas durante séculos de opressão. Requer de nós professores/as comprometidos com uma formação inicial e continuada democrática e libertadora, estratégias pedagógicas que tomam as experiências de nossos/as estudantes dissidentes “como um modo de conhecer que coexiste de maneira não hierárquica com outros modos de conhecer, será menor a possibilidade de ela ser usada para silenciar” (hooks, 2017, p.114).

Certamente, que o nosso primeiro exercício para uma arte educação dissidente é desaprender a silenciar, tanto diante do Outro/a quanto em relação as nossas próprias práticas, que muitas vezes são abafadas pelo simples fato de estarmos constantemente acostumados com os processos de opressão. É necessário aprender com Paulo Freire que precisamos elucidar nossas práticas democráticas, percebendo inclusive, onde se encontram nossos limites e o quanto ainda precisamos avançar diante da opressão colonizante.

Ainda precisamos traçar muitos outros caminhos e diálogos, não se trata de uma nova metodologia de ensino aprendizagem, ou de reelaborar toda uma teoria para a arte educação. Estamos falando e apontando para outras formas de conhecer e aprender, a partir do que já se anuncia durante muito tempo. Afinal, os dissidentes não passaram a existir no século XXI. Se recorrermos a história da humanidade, detectaremos muitas culturas



que não encontraram problemas e nem produziram genocídios dos seus cidadãos por viverem de forma diferente dos demais, muito pelo contrário, enxergavam as dissidências sexuais e de gênero como algo possível de coexistência.

Sabemos, que os processos de categorização e hierarquização das culturas nos chega com os avanços colonizadores e, que esses, foram incapazes de conceber o conhecimento que já existia nas sociedades invadidas. Para eles, o que existia deveria ser extinto e substituído a partir de seus manuais técnicos, objetivos. Assim, teve início o processo de colonização dos corpos, das mentes e dos saberes.

O que destacamos, nos estudos e pesquisas realizados nestes grupos do qual faço parte e coordeno é, principalmente, observar que o papel das Artes Visuais e de uma Arte Educação Dissidente desvela esses mecanismos que costumam contar uma história única. Libertar-se de tais construções perpassa um processo de conscientização contínua, onde todos os dias é preciso rever nossas atitudes diante das produções de saberes.

Nosso maior desafio como professores/as dissidentes é encontrar maneiras de como compartilhar esses saberes não hegemônicos “a partir de um ponto de vista sem preconceito e/ou descolonizado com estudantes que estão tão profundamente envolvidos na cultura do dominador que não se abrem a aprender novas formas de pensar e de saber” (hooks, 2020, p. 57-58).

Somos tão ensinados a falar com a linguagem do opressor/a que nem se quer sabemos como “erguer a nossa voz” diante dos processos de violência que anulam a existência dos corpos que transgridam as regras da *cisheteronormatividade*. Resultando desse sufocamento uma frustração e inibição (hooks, 2019; KILOMBA, 2019).

É chegada a hora de chamar a atenção e tensionar todo esse processo colonizador. Os corpos pretos/as existem, os dissidentes sexuais e de gênero existem, os povos originários existem, tantos outros e outras

também existem. E, vale ressaltar que estamos aprendendo a falar com as nossas vozes.

\* \* \*

### Abrindo os caminhos

Este é apenas um ensaio para muitas outras reflexões. Ainda precisamos conversar e estruturar mais os nossos debates e lutas políticas para existirmos. Estamos *todes* ainda resistindo, principalmente nestes últimos quatro anos de um governo genocida.

O escrito aqui apresentado é resultado de investigações que vem sendo realizadas desde o ano de 2020, em pleno auge da pandemia do COVID-19. Estas investigações foram um respiro de vida, para nós que estávamos distantes, porém próximos pelas telas dos nossos computadores. Foi à nossa maneira de continuar e de esperar. A pesquisa envolvia, num primeiro momento dois grupos de pesquisa, um de extensão e duas universidades públicas. Hoje, somos três universidades públicas, dois Grupos de Pesquisa e dois de extensão, envolvidos em pensar uma arte educação dissidente a partir das práticas artísticas.

Já compreendemos a dissidência como uma maneira de (re)existir no mundo. Somos existências pretas, bixas, trans, travestis, indígenas, povos de terreiro ... e tantas outras. Não é possível falar de dissidência sem entender como uma lógica capitalista, branca, heteronormativa coloca à margem qualquer corpo que tende a não aceitar suas regras.

São essas experiências de vivenciar os preconceitos cotidianamente que vão nos aproximando, pessoas LGBTQI+, pretos/as, indígenas, pessoas que vivem nas periferias... claro que dada a devida atenção aos marcadores sociais que o próprio *Cistema* capitalista e genocida cria para cada um destes corpos.

Estamos atentos/as, aprendemos com os estudos decoloniais a criar as nossas percepções de mundo, estamos publicando e mostrando caminhos outros de aprender – desaprendemos a falar com a voz do opressor –, de construir saber. Nossos corpos, mentes e saberes estão se descolando do homem branco colonizador.

Agora, prezado/a leitor/a, convido novamente para um outro ritual, olhar a imagem no final deste trabalho e construir uma proposição pedagógica que desafie a lógica capitalista, heteronormativa, branca, patriarcal e asfixiante.



**FIGURA 2.**

Fábio Wosniak, s/ título. Colagem, 2019.

## Referências bibliográficas

ADICHIE. C. N. **O Perigo da única história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRETON, David. **Rostos: ensaios de antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. São Paulo: AutoresAssociados/Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Compa-



nhia das Letras, 2020.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** RJ: Bazar do Tempo, 2021.

VIADEL, Ricardo Marín. **Didáctica de la Educación Artística para primaria.** Madrid: Pearson Educación, 2003.

Artigo enviado em: 03/10/2022

Aceito em: 12/12/2022

Artigo submetido em: 18/01/2022

Aceito em: 24/02/2022